

RECRUTAMENTO, EVASÃO E INTERVENÇÃO ON-LINE PARA PAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

RECRUITMENT, DROPOUT AND ON-LINE INTERVENTION FOR PARENTS: AN EXPERIENCE REPORT

RECLUTAMIENTO, EVASIÓN Y LA INTERVENCIÓN ON-LINE PARA PADRES: INFORME DE EXPERIENCIA

*Marina Heinen**

*Camila Rama ***

*Eduarda Dalpaz ****

*Denise Falcke *****

RESUMO

No trabalho com pais, torna-se necessário analisar fatores relacionados à participação e os aspectos técnicos e de processo das intervenções. Assim, este artigo visa apresentar um relato de experiência da aplicação de uma intervenção on-line para pais que ocorreu em seis encontros semanais. Foi identificado um alto percentual de evasão, visto que 50 pais demonstraram interesse em participar da intervenção e somente 9 a concluíram. Os participantes relataram a relevância dos conteúdos e a oportunidade de aprender com outros pais. Os resultados apontam que a intervenção foi avaliada de forma satisfatória, entretanto há necessidade de avaliar aspectos relativos aos pais e ao contexto que podem influenciar a evasão dos participantes. Conclui-se a importância de analisar o processo de recrutamento, a evasão e a intervenção, a fim de ampliar o conhecimento dos pesquisadores e a acessibilidade dos pais nas intervenções on-line com foco em promover o desenvolvimento infantil.

Palavras-chaves: Parentalidade; Relações pais-filhos; Relato de experiência; Intervenção on-line; Evasão

ABSTRACT

*Psicóloga, mestre em psicologia clínica. Doutoranda em psicologia na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

**Psicóloga, mestre em psicologia (UNISINOS)

***Graduanda em psicologia na UNISINOS

****Psicóloga, mestre e doutora em psicologia. Professora da graduação e pós-graduação em psicologia do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNISINOS. Coordenadora do Núcleo de Estudos da Família e Violência (NEFAV).

At work with parents, it is necessary to analyze factors related to participation and technical and process aspects of the interventions. Thus, this article aims to present an experience report of the application of an online intervention for parents. The intervention took place in the online modality in six weekly meetings. A high percentage of evasion was identified, as 50 parents showed interest in participating in the intervention and only 9 completed it. Participants reported the relevance of the content and the opportunity to learn from other parents. The results indicate that the intervention was evaluated satisfactorily; however, there is a need to evaluate aspects related to parents and context that can influence the dropout of participants. It is concluded the importance of analyzing the recruitment, dropout and intervention process, in order to expand the knowledge of researchers and the accessibility of parents in online interventions focused on promoting child development.

Key-words: Parenting; Parent-child relationships; Experience report; Online intervention; Dropout

RESUMEN

En el trabajo con padres es necesario analizar los factores relacionados con la participación y aspectos técnicos y de proceso de las intervenciones. Este artículo tiene como objetivo presentar un informe de experiencia de la aplicación de una intervención online para padres. La intervención es online, en seis encuentros semanales. Se identificó un alto porcentaje de evasión, ya que 50 padres mostraron interés en participar de la intervención y solo 9 la completaron. Los participantes informaron la relevancia del contenido y oportunidad de aprender con otros padres. Los resultados indican que la intervención fue evaluada satisfactoriamente, sin embargo, existe necesidad de evaluar aspectos relacionados a los padres y contexto que pueden influir en la evasión de los participantes. Se concluye la importancia de analizar el proceso de captación, de la evasión e intervención, para ampliar el conocimiento de los investigadores y accesibilidad de los padres en intervenciones online enfocadas a promover el desarrollo infantil.

Palabras clave: Paternidad; Relaciones padre-hijo; Informe de experiência; Intervención online; Evasión

1 INTRODUÇÃO

A relação entre pais e filhos é permeada por práticas educativas parentais, definidas como as estratégias que os cuidadores utilizam para educar, orientar e interagir com os filhos, podendo ser positivas ou negativas

(Gomide, 2006). As práticas negativas são consideradas fatores de risco e resultam em prejuízos no desenvolvimento infantil, enquanto as positivas protegem as crianças e colaboram para um crescimento saudável (Lawrenz et al., 2020; Pinquart, 2017).

A literatura mundial indica que uma das formas de promover o desenvolvimento infantil saudável é através do trabalho com os pais (Altafim et al., 2021). Nos últimos anos, é possível perceber maior ênfase dos estudos sobre essa temática nos contextos internacional e brasileiro (Branco et al., 2021; Heinen et al., 2023). Assim, estudos empíricos referem que intervenções com foco na melhora da relação pais-filhos, através do aprimoramento de práticas parentais positivas, apresentam, como desfechos, a redução de sintomas emocionais nos pais e de problemas emocionais e comportamentais nas crianças, de acordo com a percepção dos pais (Altafim & Linhares, 2019; Benedetti et al., 2020; Caroll, 2021; Lawrenz et al., 2021).

Um recente estudo brasileiro avaliou a viabilidade de um programa online para mães brasileiras de nível socioeconômico médio ou alto, com o objetivo de desenvolver práticas parentais positivas. Comparando-se as avaliações feitas antes e após a intervenção, os resultados apontam para a redução do uso de práticas negativas, além do aumento do senso de competência parental (Lotto et al., 2022). Este estudo, assim como os supracitados, apresenta resultados promissores de intervenções destinadas aos pais. Ao mesmo tempo, é preciso destacar a necessidade de analisar os fatores associados ao recrutamento, ao engajamento e à evasão dos participantes, além do formato de entrega das intervenções (Macedo et al., 2020; Weisenmuller & Hilton, 2021; Whitcombe-Dobbs & Tarren-Sweeney, 2019).

No que tange à evasão dos participantes, a literatura já evidencia a necessidade de considerar uma perda amostral mínima de 10% (Hair et al., 2009). Especificamente em programas de intervenção para pais, essa perda pode ser ainda maior, variando de 40% a 80% de abandono após o recrutamento ou início da intervenção (Marin et al., 2019). Entre os motivos desse abandono, percebem-se barreiras de acesso, como o elevado número de demandas dos pais, os estigmas associados à busca por serviços de saúde mental, a incompatibilidade de horários e objetivos, a vulnerabilidade do contexto social e os fatores associados à modalidade de entrega, como a necessidade de deslocamento no formato presencial (Marin et al., 2021; Mytton et al., 2014; Weisenmuller & Hilton, 2021).

Assim, com o avanço e o aumento do uso da tecnologia, nota-se que os programas parentais no formato on-line podem ser vistos como facilitadores ao acesso a serviços de saúde mental por parte dos pais (Flores et al., 2020; Meeker & Wu 2018; Neufeld et al., 2022a). Apesar disso, é necessário atentar para os desafios próprios da modalidade on-line de intervenção com pais, tais como: acesso à internet, instabilidade da rede, duração dos encontros, privacidade no ambiente familiar, aparelho utilizado, qualidade e disponibilidade de áudio e câmera, plataforma utilizada e percepção dos participantes sobre a necessidade e o tipo de programa (Corralejo & Domenech Rodríguez, 2018; Flores et al., 2020; Lotto et al., 2022; Neufeld et al., 2022b). Além do mais, aspectos grupais técnicos da homogeneidade dos participantes e do contrato entre o grupo, assim como os aspectos de processo - por exemplo, o compartilhamento de informações, a universalidade e a aprendizagem interpessoal - precisam ser analisados, visto que podem influenciar o andamento e o desfecho da intervenção (Yalom & Leszcz, 2008; Neufeld et al., 2022a).

Levando em consideração os pontos expostos, este estudo visa apresentar um relato de experiência da aplicação de uma intervenção on-line para pais. Serão apresentadas as características da intervenção e dos participantes, o processo de recrutamento e a evasão dos participantes, os aspectos técnicos e de processo grupais e as percepções dos participantes e da equipe em uma intervenção on-line para pais. Essas temáticas são discutidas apresentando-se os desafios e os pontos fortes da condução do grupo no contexto on-line. Destaca-se que a palavra “pais” será utilizada para se referir aos pais de ambos os gêneros.

2 MÉTODO

Este artigo está vinculado a um projeto maior, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa de uma instituição de ensino superior (CAAE: 56222122.0.0000.5344). O presente estudo possui caráter descritivo e trata de um relato de experiência desde sua divulgação e recrutamento até a realização da intervenção on-line com dois grupos: A e B.

Pais de crianças com idade entre 6 e 11 anos foram convidados para participar dos grupos, por conveniência, através da divulgação em redes sociais. Utilizou-se o método bola de neve, em que os pais foram convidados a enviar o convite da pesquisa a outros possíveis participantes.

Os interessados acessaram um link da plataforma Google Formulários e preencheram as informações de nome, contato e preferência do dia de

cada grupo. Destaca-se que essa ficha de inscrição ficou disponível para preenchimento somente por sete dias, tendo em vista o alto número de interessados nesse período. Aproximadamente uma semana após o preenchimento da ficha, a equipe de pesquisa, formada por três psicólogas e uma graduanda em psicologia, entrou em contato com os pais – primeiramente, por telefone e, depois, por mensagens -, para informar maiores detalhes da pesquisa e do grupo de intervenção.

Após duas semanas desse primeiro contato, aos pais interessados em seguir na pesquisa foi enviado um link com o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), em que se explicitou o objetivo e os procedimentos da pesquisa, assim como as questões éticas da participação, seguindo as diretrizes das Resoluções nºs 466/2012 e 510/2016, do Conselho Nacional em Saúde (Brasil, 2012; 2016). Além disso, no mesmo link, foi preenchida a ficha de dados sociodemográficos. Os pais consentiram a participação através do aceite no TCLE e preencheram as informações necessárias, sendo, então, incluídos nos grupos de forma não randomizada, considerando-se a disponibilidade, a preferência e a ordem de interesse entre um dos dois grupos experimentais (A ou B) e o grupo controle do tipo lista de espera. O tempo entre o envio dos links para preenchimento da avaliação de linha de base e o início dos grupos foi de uma semana.

Após o término dos encontros da intervenção, os participantes dos grupos A e B foram convidados a responder um questionário criado pela equipe de pesquisa para medir sua satisfação com a intervenção. Esse questionário é dividido em três partes: a primeira com cinco itens que avaliam a satisfação geral, satisfação com o coordenador, a aplicabilidade da intervenção no dia a dia e recomendações sobre a intervenção a serem respondidas na escala Likert: “discordo totalmente”, “discordo”, “nem concordo, nem discordo”, “concordo”, “concordo totalmente”; a segunda parte é composta por uma régua de avaliação geral da intervenção com uma escala de 0 a 10 pontos, em que 0 significa uma experiência ruim e 10, uma experiência excelente; e a última parte do questionário envolve três questões objetivas para o participante informar, entre as opções, três conteúdos que considerou mais relevantes, três estratégias que foram mais úteis para aprender o conteúdo e três aspectos da intervenção que mais gostou.

Ainda, os participantes dos grupos A e B foram convidados a participar de uma entrevista semiestruturada individual, gravada e com duração de 30 minutos. Essa entrevista teve por objetivo compreender aspectos positivos e negativos da experiência em participar da intervenção. A

entrevista foi realizada pelos integrantes da equipe que não participaram da intervenção como coordenador ou assistente. Essa entrevista foi transcrita e alguns dos relatos serão apresentados na seção “Resultados”.

3 INTERVENÇÃO

A intervenção realizada é um programa educativo com o objetivo de promover relacionamentos saudáveis entre pais e filhos. Entende-se por “programa educativo” intervenções estruturadas e grupais para melhorar as práticas parentais e a interação entre pais e filhos (National Center for Parent, Family, and Community Engagement, 2015). A intervenção é universal e se caracteriza como um grupo fechado, ou seja, ao ser iniciada, não há a entrada de novos integrantes. A homogeneidade da composição grupal foi estabelecida na característica de exercer a parentalidade de crianças com idade entre 6 e 11 anos. Conforme a literatura indica (Neufeld et al., 2017; Neufeld 2022a), determinou-se um tamanho de, no máximo, 12 participantes por grupo.

Fundamentada na Teoria Bioecológica, de Bronfenbrenner (Bronfenbrenner, 1996), a intervenção engloba as dimensões do modelo pessoa, processo, contexto e tempo. Assim, os encontros foram pensados para englobar aspectos individuais, relacionais e contextuais presentes no exercício da parentalidade. A intervenção foi desenvolvida em seis encontros semanais de 90 a 120 minutos, os quais ocorreram através da plataforma Google Meet.

Os grupos foram conduzidos por uma psicóloga, a primeira autora desse artigo, chamada nesse estudo de coordenadora, que desenvolveu a intervenção junto com a orientadora de doutorado, a última autora. Cada grupo contou com uma assistente, sendo uma psicóloga e outra estudante de psicologia. Salienta-se que a equipe de pesquisa se reuniu de forma on-line semanalmente, durante dois meses, para organizar materiais da intervenção e discutir o andamento dos grupos.

Cada encontro possui uma estrutura com objetivos específicos em cada sessão. Todos os encontros da intervenção seguem o mesmo formato: aquecimento, atividades práticas e fechamento. As temáticas de cada encontro podem ser conferidas na Tabela 1.

Tabela 1: *Descrição dos objetivos de cada encontro da intervenção*

Nº	Objetivos do encontro
1	Apresentação do grupo, <i>rappori</i> e contrato grupal, introdução das temáticas a serem trabalhadas na intervenção
2	Recordar experiências com os próprios cuidadores e impactos na relação com o filho
3	Apresentar diferentes perspectivas sobre uma mesma situação e refletir sobre as ideias do que envolve ser pai e ser mãe
4	Apresentar três estilos parentais e refletir sobre a forma como cada um interage com a criança e apresentar os passos para uma comunicação respeitosa e eficaz
5	Refletir sobre a importância do autocuidado parental, compreender como as crianças aprendem e identificar quais estratégias as crianças ainda precisam desenvolver
6	Retomada dos aprendizados, finalização do grupo e combinações sobre a entrevista

Fonte: elaborado pelas autoras

4 RESULTADOS

Esse estudo tem como objetivo relatar a experiência da aplicação de uma intervenção com pais, dessa forma não analisa dados quantitativamente. Os resultados serão apresentados em quatro seções: 1) Características sociodemográficas dos participantes; 2) Evasão dos participantes; 3) Aspectos técnicos e de processo; 4) Percepções dos pais sobre a intervenção.

4.1 Características sociodemográficas dos participantes da intervenção

Participaram do estudo 24 pais com filhos com idade entre 6 e 11 anos, os quais correspondem aos participantes do grupo experimental e controle do tipo lista de espera. Desses, nove participaram da intervenção, os quais tinham idade média de 39,89 ($\pm 7,65$) anos. Oito eram do gênero feminino e mães biológicas e um do gênero masculino e padrasto. A maioria (55,6%) tinha pós-graduação, era casada (88,9%), tinha dois filhos (55,6%) e pertencia à categoria socioeconômica B (77,8%). A maior parte residia no Rio Grande do Sul, (55,6%), seguindo-se os estados do Paraná (33,3%) e de Goiás (11,1%). Os filhos eram, em sua maioria, do gênero masculino (66,7%).

4.2 Evasão dos participantes

O interesse em participar do grupo foi manifestado por 50 pais. Após o contato telefônico ou por via de mensagem, 34 participantes atenderam ou retornaram, e 16 participantes foram excluídos, pois não atenderam às ligações ou não responderam às mensagens enviadas ($n=8$), informaram ter assumido outros compromissos nos dias disponíveis para o grupo ($n=2$) ou tinham filhos com idade menor ou maior do estipulado na pesquisa ($n=6$).

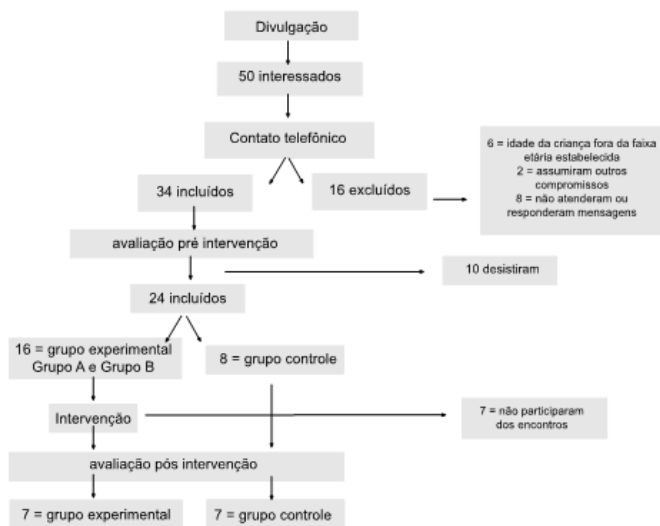
Depois do envio do link de avaliação on-line para os pais, 24 participantes foram incluídos por preencherem a avaliação e outros 10 desistiram do estudo e não preencheram os instrumentos. Desses 24, 16 participantes participaram da intervenção, sendo 11 no grupo A e 5 no grupo B. Os demais, 8 participantes, permaneceram no grupo controle do tipo lista de espera e participarão da próxima edição da intervenção.

Dos 16 participantes dos grupos A e B, 7 não participaram dos encontros, sendo 5 do grupo A e 2 do grupo B, e somente 3 informaram o motivo, que diz respeito a novos compromissos assumidos no dia e horário do grupo, e afirmam ter interesse nas próximas edições do grupo. Assim, o número de pais que participaram da intervenção foi de 9, sendo 6 no grupo A e 3 no grupo B.

Na segunda etapa de avaliação, houve 14 respostas, sendo 7 do grupo experimental e 7 do grupo de controle. Na Figura 1, é possível observar o fluxograma de recrutamento, evasão e participação dos pais.

Percebe-se, no fluxograma, que o número de participantes foi-se reduzindo conforme as etapas seguiam. Dos 50 pais interessados, 9 participaram da intervenção e, considerando o grupo controle do tipo lista de espera e o grupo experimental, 14 permaneceram até o final da pesquisa, indicando uma perda amostral de 72%.

Figura 1. Fluxograma do recrutamento, participação e evasão dos pais



Fonte: elaborado pelas autoras

4.3 Aspectos técnicos e de processo

Essa categoria visa apresentar aspectos técnicos e de processo identificados na condução da intervenção e na participação dos nove pais nos grupos A e B. Em relação aos aspectos técnicos, destaca-se a homogeneidade na composição dos grupos e nos objetivos. Assim, na definição dos critérios dos participantes, pretendeu-se juntar os pais que tinham filhos com idade entre 6 e 11 anos. Além disso, também se buscou um objetivo homogêneo para o grupo: desenvolver um relacionamento mais saudável com os filhos.

Notou-se que alguns pais afirmaram que, ao se inscreverem, tinham expectativas de ser um grupo voltado, especificamente, para o manejo com a criança. Entretanto, no decorrer do grupo, perceberam que o conteúdo e as atividades eram voltados aos pais, e não somente aos comportamentos das crianças, o que pode ser percebido nos relatos:

“No começo, eu achei que ia ter tipo um manual de como lidar com as crianças, mas, no meio do processo, eu vi que não, que era mais sobre nós, sobre como nos percebemos como pessoas, sobre como nossa criação pode afetar a criação atual dos nossos filhos”. Participante 3 (Grupo A)

“Eu tenho dois filhos, e me inscrevi achando que seria um curso sobre como ensinar seu filho, e, na verdade, foi um curso de aprofundamento dos pais, tivemos que entender melhor sobre nós mesmos para entender melhor as crianças”. Participante 4 (Grupo A)

“Eu entrei com uma perspectiva de ‘poxa, eu vou aprender a lidar com um filho, né, vou entender como que é’, mas, na verdade, foi muito além”. Participante 5 (Grupo A)

Antes do primeiro encontro, foi enviada, por meio de mensagem aos participantes, uma folha informativa sobre o uso e o acesso da plataforma Google Meet. No primeiro encontro, após a apresentação de cada participante, coordenador e assistente, o contrato de trabalho foi apresentado em um slide. Os tópicos abordados no contrato se referem a datas, horários e duração dos seis encontros, a importância do sigilo e o respeito às informações compartilhadas, a permissão para a gravação do encontro com uso somente para a pesquisa, a proibição de realizar fotos ou gravar os encontros, a comunicação por via de mensagem com a coordenadora, a permanência das câmeras abertas e microfones desligados e o uso do recurso “levantar a mão” para falar. E foi aberto um espaço para os participantes acrescentarem algum tópico no contrato. Em ambos os grupos, o horário foi discutido e revisado: no grupo A, alguns participantes desejaram que o encontro terminasse antes de completar duas horas; e, no grupo B, o horário de início foi adiantado. Verbalmente, os participantes de cada grupo consentiram com o contrato grupal.

Destaca-se que os participantes foram informados sobre a impossibilidade de entrada de novos participantes após o início do grupo, e somente daqueles que já estavam inscritos, como foi o caso de uma pessoa do grupo A que não pôde participar do primeiro encontro em função de compromissos profissionais. Por isso, o coordenador convidou-a para se apresentar no início do segundo encontro.

No que se refere à assiduidade, dois participantes tiveram 100% de presença na intervenção e os outros faltaram a apenas um encontro, ou seja, estiveram em cinco encontros. Nota-se que, quando houve faltas ou atrasos, os participantes enviaram os motivos para a coordenadora, e, entre os motivos de atraso ou falta, encontrou-se: tempo de deslocamento do trabalho até em casa, reunião de trabalho, necessidade de buscar os filhos em atividades extracurriculares.

Em relação ao uso da plataforma ou acesso aos links enviados, não ocorreram dificuldades relatadas pelos participantes. Houve necessidade de considerar o delay entre a fala dos participantes, e, em alguns momentos, utilizou-se o recurso “levantar a mão”, para que não houvesse interrupções nas discussões entre o grupo. Por ser na modalidade on-line, foram utilizados slides para apresentar algumas atividades, e, para torná-las mais dinâmicas, foi usada uma plataforma gratuita on-line denominada Padlet, que dispõe da possibilidade de criar murais que auxiliaram nas discussões, à medida que os participantes conseguiam interagir e acompanhar a tela compartilhada do coordenador.

O contato dos participantes com a coordenadora ocorreu por meio de mensagem particular no WhatsApp. Optou-se por não criar um grupo em aplicativos de conversa para não ocorrer o uso indevido, como o envio de mensagens com outros temas. Através desse contato particular com a coordenadora, eram enviados, semanalmente, lembretes de cada encontro, o link de acesso à plataforma e, ao final dos encontros, uma folha-resumo do conteúdo trabalhado.

Somados a esses aspectos técnicos, os aspectos de processo também foram observados, como o compartilhamento de informação, a universalidade e a aprendizagem interpessoal. Esses fatores foram percebidos quando os participantes relataram que foi positivo conhecer e interagir com outros participantes:

“A troca de experiências com outras famílias foi muito enriquecedora para conseguir fazer algumas conexões que eu não estava conseguindo fazer sozinha”. Participante 1 (Grupo A)

“A gente compartilhar isso com outras pessoas, e, às vezes, na experiência do outro, a gente ter também uma resposta pra gente, é interessante. Então acho que essa troca foi bem interessante mesmo, de poder refletir, de poder aprender e de poder trocar com outras famílias, eu gostei”. Participante 2 (Grupo A)

“Por mais que a gente saiba que nós não estamos sozinhos e que cada família tem as suas demandas, mas ter um contato semanal com outras famílias partilhando as suas vivências, você falar da sua vivência, você ouvir outras pessoas, isso é fortalecedor”. Participante 2 (Grupo B)

“Tudo foi enriquecedor, a gente sempre aprende trocando experiências, foi muito válido”. Participante 3 (Grupo B)

4.4 Percepções dos pais sobre a intervenção

Em geral, os pais avaliaram positivamente a participação no programa, apontando, na régua de satisfação, a média de 9,42 pontos, a qual variava entre 0 (experiência ruim) e 10 (experiência excelente). Eles apontaram que conhecer novos pais, adquirir novas aprendizagens e a atitude do coordenador e da assistente foram os aspectos que mais gostaram da intervenção. Sobre os conteúdos, assinalaram que os mais relevantes foram: estratégias para regular as emoções, ter consciência das crenças de ser pai e ser mãe, novas ferramentas para se relacionar com a criança e retomar a história de vida. No que diz respeito às estratégias que mais gostaram, destacou-se: discussão em grupo, uso de exemplos, explicações da coordenadora e atividades práticas.

Nas entrevistas, foi possível conhecer, de forma mais detalhada, as percepções dos pais sobre o grupo. Em relação à experiência geral, nota-

se que a proposta do grupo, assim como as temáticas e experiências foram bem recebidas pelos participantes. Destacam-se as falas:

“Foi interessantíssimo participar dessa dinâmica porque não só trouxe insights pra mim de como lidar com os sentimentos das crianças, mas também trouxe muitas coisas que eu estou usando pra mim, com a minha família”. Participante 2 (Grupo A)

“É uma oportunidade de você parar, sair um pouco do automático e começar a olhar as coisas que estão acontecendo ao teu redor, a todo o tempo”. Participante 3 (Grupo A)

“Foi bom, assim, do jeito que foi conduzido os encontros, e foi uma sequência de encontros, né, ligando um ao outro, eu acho que foi bem interessante”. Participante 6 (Grupo A)

“Então, esse momento que eu estive no grupo, eu consegui parar e incluir novamente algumas coisas que estavam se perdendo no caminho, uma delas é a questão da paciência, do respirar, a questão de não agir da forma assim agressiva, isso me ajudou bastante”. Participante 2 (Grupo B)

Alguns pais relataram a forma como colocaram em prática os aprendizados. Contudo, outros pais apontaram que não houve novos aprendizados, mas que a intervenção serviu sim como uma forma de retomar e reforçar o que já sabiam. Isso fica evidenciado nos relatos:

“A gente falha como pai e mãe, a gente erra, a gente está em construção, mas eu acho que esse grupo veio, assim, acrescentar coisas, veio aprimorar aquilo que a gente já vive”. Participante 6 (Grupo A)

“Me abriu, assim, uma perspectiva nova, né, ver as coisas com relação ao relacionamento mesmo com o meu filho, tirar um pouco aquele mito de ‘tudo é birra, tudo é manha, tudo é...’ sabe? E observar, mais a fundo, o que está acontecendo, né”? Participante 2 (Grupo B)

“Muito menos automática, né, depois dos encontros, então a gente olha muito melhor, observa muito melhor, a gente sente muito mais as coisas, então foi muito legal”. Participante 3 (Grupo A)

“Eu acho que é e foi importante a gente revisitar os conteúdos. Eu não tive novidades porque é um assunto que me interessa muito e eu venho há muito tempo me informando, lendo a respeito ou na minha terapia”. Participante 1 (Grupo B)

Uma participante relatou a importância de deixar mais claro que os pais, do gênero masculino, também poderiam participar, visto que, na percepção dessa participante, isso não havia ficado claro na divulgação. Ainda no que se refere à participação de homens na pesquisa, duas participantes apontaram o desejo de que os companheiros pudessem ser incluídos em grupos futuros. Outro ponto a ser destacado é a opinião de uma das participantes, que disse ter a sensação de faltar experiência da coordenadora no papel de mãe, embora ela tenha demonstrado domínio do conhecimento na área.

Em relação à modalidade da intervenção, ao analisar os relatos dos pais, todos consideraram o formato on-line uma boa opção. Ao serem questionados sobre a recomendação do programa a outros pais, todos afirmaram que recomendariam.

Sobre a experiência de preencher as avaliações, os pais do grupo experimental referem que, inicialmente, foi um momento de reflexão da relação com o filho; já a segunda avaliação foi uma forma concreta de perceber mudanças antes de e após participar do grupo, tal como pode-se perceber nas falas:

“Antes de ter participado do grupo, eu tinha uma determinada perspectiva sobre um assunto, e agora, com o grupo, a perspectiva mudou, digamos assim”. Participante 1 (Grupo A)

“Foi muito diferente ver aquelas perguntas agora. Então, quando eu vi as perguntas e eu ‘tava’ respondendo, eu pensei: ‘Gente, olha isso, é uma outra pessoa’. É muito diferente, como se tu estivesse olhando pela primeira vez pra uma coisa que você já viu e vê como mudou”. Participante 3 (Grupo A)

“Desde o momento que eu respondi, assim, já elevou muito a minha reflexão e, a partir dali, eu já passei a pensar mais, né, não agir tanto no automático”. Participante 2 (Grupo B)

“O do primeiro é aquele negócio, a gente respondeu pensando nas dificuldades das crianças, né, e, no segundo, observei que eu já melhorei muito, teve coisas assim que eu falei: ‘Misericórdia, como que eu pude marcar isso’? Sabe? Então teve diferença sim de um pra outro”. Participante 4 (Grupo A)

5 DISCUSSÃO

É possível perceber que os grupos foram constituídos, em sua maioria, por mulheres, tendo apenas um participante homem. A maior participação de mulheres está em concordância com outros estudos de intervenção com pais, os quais apontam para uma discrepância na busca de participação, evidenciando-se um número elevado de mulheres em comparação a homens (Pedersen et al., 2019; Branco et al., 2021). Isso pode estar associado ao papel social da mãe, que, em nosso contexto, entende-se o cuidado e o envolvimento com os filhos como responsabilidade materna (Panter-Brick et al., 2014).

Entretanto, faz-se necessário refletir sobre a participação dos pais (homens) nas intervenções (Branco et al., 2021; Chacko, et al., 2018; Smith et al., 2012), não apenas com foco em aspectos culturais e institucionais envolvidos no papel de pai, mas também em estratégias para alcançar essa população, reduzindo estigmas e aumentando a probabilidade

do engajamento deles. Vale destacar a sugestão trazida de explicitar melhor, no convite, a possibilidade da participação masculina, ainda que, na divulgação, tenha sido utilizada a expressão “grupo de pais”. Como a função parental é preponderantemente atribuída às mulheres, para futuras edições, pode-se explicitar que o grupo é para pais e mães.

Os resultados aqui apresentados evidenciam um alto percentual de evasão. Trata-se de uma ocorrência comum em programas para pais, em que mais da metade dos participantes abandonam as pesquisas após o recrutamento ou o início da intervenção (Marin et al., 2019). Ressalta-se que, após o início da intervenção, o maior motivo de evasão relatado pelos pais foi a existência de outros compromissos agendados a posteriori do início da intervenção, no mesmo dia do grupo.

De acordo com o que a literatura aponta, aspectos relativos aos pais e ao contexto podem se relacionar com esse movimento de evasão (Finan et al., 2018; Weisenmuller & Hilton, 2021). Entretanto, nesse estudo, comparando-se os pais que abandonaram a pesquisa com os que seguiram com ela, não houve avaliação sobre a existência ou não de diferenças estatisticamente significativas em variáveis como escolaridade, sintomas emocionais dos pais e filhos, nível de estresse parental ou problemas de comportamento das crianças. Sabe-se que variáveis individuais e contextuais podem influenciar e funcionar como barreiras de acesso aos programas para pais, sendo, então, necessário avaliar a relação desses fatores com a evasão dos participantes (Flores et al., 2020; Meeker & Wu 2018; Mytton et al., 2014; Weisenmuller & Hilton, 2021).

Além disso, conforme a literatura aponta, McCurdy e Daro (2001), o tempo decorrido entre o preenchimento da ficha de inscrição e o início da intervenção pode ter influenciado o engajamento dos pais. Nesse estudo, o período entre esses processos foi de três semanas. Portanto, foi possível identificar a necessidade de atentar para a redução do período entre o primeiro contato com os pais, a avaliação e o início do grupo, para a redução de evasão.

A característica de o grupo ser homogêneo em relação à parentalidade de crianças da faixa etária de 6 a 11 anos foi respeitada, tendo em vista que, quando há um grupo homogêneo, pode-se abrir espaço para o compartilhamento de informações, além de isso contribuir para que os participantes experimentem um maior pertencimento (Neufeld et al., 2017; Neufeld et al., 2022b). O fato de os participantes serem de diferentes localidades parece não ter sido um ponto negativo, que gerou

estranhamento, pois, pelo contrário, os pais se identificaram com alguns relatos, o que reforça o sentimento de pertença e o fator universalidade, já que perceberam que compartilham as mesmas dificuldades de outros pais e puderam aprender uns com os outros.

A relação harmônica entre os participantes e a equipe também foi percebida pelo cumprimento dos combinados do contrato. Sabe-se que a formulação de um contrato em conjunto com o grupo pode aumentar a probabilidade do envolvimento e seguimento dos combinados entre os membros (Neufeld et al., 2017). Além disso, a folha informativa sobre o modo de acesso e as funções da plataforma utilizada pode ter contribuído para a não ocorrência de problemas com o acesso à plataforma em cada encontro. Tendo em vista a qualidade da internet e a conexão de cada participante, houve momentos de perda de sinal, entretanto o contato direto por meio de mensagem com a coordenadora possibilitou que ela pedisse à assistente para auxiliar o participante diante de problemas técnicos.

Assim, destaca-se que a abertura para diálogo e disponibilidade da coordenadora por meio de mensagem de texto pode ter aproximado os participantes da pesquisadora. De acordo com o que a literatura pontua em relação a técnicas que favorecem a retenção dos participantes (Joseph, Keller, & Ainsworth, 2016), essa postura do pesquisador de desenvolver uma relação direta e cordial com os pais pode ter contribuído para uma relação de confiança. Ademais, isso pode ter favorecido a participação nas atividades em que se utilizaram recursos on-line, visto que os pais se engajaram em escrever, responder e levantavam a mão para contribuir com a discussão.

Embora os participantes tivessem uma ideia inicial de como seria o grupo, algumas expectativas precisaram ser ajustadas. Entende-se que o primeiro encontro contribuiu para isso, já que nele se falou do objetivo do grupo em atentar para fatores relativos aos pais que influenciam no relacionamento com a criança e se enfatizou a importância do estudo para beneficiar outras famílias.

Na percepção da equipe de pesquisa, o estabelecimento de uma agenda foi essencial para conduzir os encontros e para controlar o tempo de cada atividade, a fim de não extrapolar o horário combinado. Destaca-se a importância do papel da assistente como observador das expressões faciais e postura dos participantes. Para isso, durante os encontros, ela permaneceu de câmera fechada e teve um papel de apoio, e não

interventivo. Acredita-se que isso contribuiu para que os participantes não se dirigissem à assistente, e somente à coordenadora.

Destaca-se, além disso, que as reuniões de equipe antes do início da intervenção e após cada encontro possibilitou que as assistentes dessem um feedback à condução da coordenadora e que a equipe pudesse ver mudanças necessárias a serem feitas nas atividades. Assim, na percepção da equipe, suas reuniões exerceram um papel fundamental para a organização, o manejo e a realização dos grupos. Por fim, destaca-se o envolvimento dos participantes, trocas respeitosas, falas emocionantes e momentos de descontração. Esses fatores podem ter tornado o grupo um lugar acolhedor para equipe e participantes, um lugar de construção colaborativa, e não de transmissão de conhecimento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos de avaliação de intervenção com pais vêm crescendo no Brasil, mas apresentam limitações da pesquisa empírica (Branco et al., 2021; Heinen et al., 2023). Novos estudos que visam a contribuir de forma mais detalhada com o relato da experiência de um estudo-piloto são necessários (Marin et al., 2019).

Sugere-se que futuros estudos possam cobrir limitações apresentadas neste, tais como: atentar para o tempo entre inscrição, contato e início do grupo e considerar uma mensuração da motivação dos participantes ao se inscreverem. Além disso, questões individuais e contextuais precisam ser analisadas empiricamente para compreender possíveis associações com a evasão dos participantes e, assim, buscar considerá-las no planejamento de intervenções, a fim de aumentar a acessibilidade de pais em estudos futuros.

Destaca-se que esse estudo diz respeito a um relato de experiência, assim não é possível traçar relações de causalidade e seus resultados não são generalizáveis. Entretanto, há pontos fortes que merecem ser mencionados. O planejamento de cada sessão, os materiais utilizados, a definição e os testes da plataforma utilizada e as reuniões semanais com a equipe foram pontos importantes que, na percepção das autoras, contribuíram para que os encontros acontecessem de forma organizada, sem problemas técnicos e com maior aproveitamento do tempo e alcance dos objetivos.

Relatos de experiência, como o presente estudo, podem contribuir

ao apresentar desafios e especificidades a outros pesquisadores, como o recrutamento, a implementação, a experiência, a evasão, a avaliação e a percepção dos pais em uma intervenção na modalidade on-line. Dessa forma, conclui-se que a realização da intervenção no formato proposto foi importante para avaliar a possibilidade da realização do grupo e, de forma qualitativa, analisar a percepção e a experiência dos pais.

REFERÊNCIAS

- Finan, S. J., Swierzbiolek, B., Priest, N., Warren, N., & Yap, M. (2018). Parental engagement in preventive parenting programs for child mental health: a systematic review of predictors and strategies to increase engagement. *PeerJ*, 6, e4676. <https://doi.org/10.7717/peerj.4676>
- Altafim, E. R. P., & Linhares, M. B. M. (2019). Preventive intervention for strengthening effective parenting practices. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 62, 160–172. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2019.03.003>
- Altafim, E. R. P., McCoy, D. C., & Linhares, M. B. M. (2021a). Unpacking the Impacts of a Universal Parenting Program on Child Behavior. *Child Development*, 92(2), 626-637. <https://doi.org/10.1111/cdev.13491>
- Benedetti, T. B., Rebessi, I. P., & Neufeld, C. B. (2020). Programas de orientação de pais em grupo: Uma revisão sistemática. *Psicologia: Teoria e Prática*, 22(1), 368- 398. <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/12421>
- Branco, M., Altafim, E., & Linhares, M. (2021). Universal Intervention to Strengthen Parenting and Prevent Child Maltreatment: Updated Systematic Review. *Trauma, violence & abuse*, 1-19. <https://doi.org/10.1177/15248380211013131>
- Brasil (2012). Conselho Nacional de Saúde. Resolução no 466 de 12 de dezembro de 2012, Brasília.
- Brasil (2016). Conselho Nacional de Saúde. Resolução no 510 de 07 de abril de 2016, Brasília.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano:*

Experimentos naturais e planejados. Artes Médicas

- Caroll, P. (2021). Effectiveness of Positive Discipline Parenting Program on Parenting Style, and Child Adaptive Behavior. *Child Psychiatry & Human Development*. <https://doi.org/10.1007/s10578-021-01201-x>
- Chacko, A., Fabiano, G. A., Doctoroff, G. L., & Fortson, B. (2018). Engaging Fathers in Effective Parenting for Preschool Children Using Shared Book Reading: A Randomized Controlled Trial. *Journal of clinical child and adolescent psychology*, 47(1), 79–93. <https://doi.org/10.1080/15374416.2016.1266648>
- Corralejo, S. M., & Domenech Rodríguez, M. M. (2018). Technology in parenting programs: A systematic review of existing interventions. *Journal of Child and Family Studies*, 27(9), 2717–2731. <https://doi.org/10.1007/s10826-018-1117-1>
- Florea, I. S., Dobrea, A., Pășărelu, C. R., Georgescu, R. D., & Milea, I. (2020). The Efficacy of Internet-Based Parenting Programs for Children and Adolescents with Behavior Problems: A Meta-Analysis of Randomized Clinical Trials. *Clinical child and family psychology review*, 23(4), 510–528. <https://doi.org/10.1007/s10567-020-00326-0>
- Gomide, P. I. C. (2006). *IEP: Inventário de Estilos Parentais: Modelo teórico: Manual de aplicação, apuração e interpretação*. Vozes
- Hair, J. F. J., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. 6 ed. Bookman
- Heinen, M. Penna, M. N., & Falcke, D. (2023). Programas para Prevenção de Maus Tratos Infantis: Análise de Revisões Sistemáticas. *Psicologia Teoria e Prática*, 25(1), 1-21. <https://doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPCP14238.pt>
- Joseph, R. P., Keller, C., & Ainsworth, B. E. (2016). Recruiting participants into pilot trials: Techniques for researchers with shoestring budgets. *Californian Journal of Health Promotion*, 14(2), 81-89. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5231400/>
- Lawrenz, P., Yousafzai, A. K., & Habigzang, L. F. (2021). ACT Raising Safe Kids Program improves parenting practices, beliefs about physical punishment, management of anger, and mental health: Initial evidence from a study in Brazil. *Children and Youth Services Review*, 131, 106299. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2021.106299>

- Lawrenz, P., Zeni, L. C., Arnoud, T. C. J., Foschiera, L. N., & Habigzang, L. (2020). Estilos, Práticas ou Habilidades Parentais: Como Diferenciá-los? *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 16(1), 2-9. <https://doi.org/10.5935/1808-5687.20200002>
- Lotto, C. R., Altafim, E. R., P. & Linhares, M. B. M. (2022). Feasibility and acceptability study of the online ACT-Raising Safe Kids program. *Children and Youth Services Review*, 141. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2022.106591>
- Macedo, D. M., Lawrenz, P., J. Hohendorff, J. V., Freitas, C. P. P., Koller, S. H., & Habigzang, L. F. (2020). Characterization of child maltreatment cases identified in health services. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 30, e3018. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3018>
- Marin, A. H., Alvarenga, P., Pozzobon, M., Lins, T. C. de S., & Oliveira, J. M. (2019). Evasão em Intervenções Psicológicas com Pais de Crianças e Adolescentes: Relato de Experiência. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, e187233, 1-14. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003187233>
- McCurdy, K., & Daro, D. (2001). Parent involvement in family support programs: An integrated theory. *Family Relations*, 50(2), 113-121. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2001.00113.x>
- Meeker, M., & Wu, L. (2018). *Internet trends 2018*.
- Mytton, J., Ingram, J., Manns, S., & Thomas, J. (2014). Facilitators and barriers to engagement in parenting programs: A qualitative systematic review. *Health Education & Behavior*, 41(2), 127-137. <https://doi.org/10.1177/1090198113485755>
- National Center for Parent, Family, and Community Engagement. (2015). *Compendium of parenting interventions*. National Center on Parent, Family, and Community Engagement, Office of Head Start, U.S. Department of Health and Human Services. <https://eclkc.ohs.acf.hhs.gov/sites/default/files/pdf/compendium-of-parenting.pdf>
- Neufeld, C. B., Maltoni, J., Ivatiuk, A. L., & Rangé, B. (2017). Aspectos técnicos e o processo em TCCG. In C. B. Neufeld & R. P. Rangé (Orgs.) *Terapia cognitivo comportamental em grupos* (pp. 33-54). Artmed
- Neufeld, C. B., Scotton, I. L., Peron, S., & Szupczynski, K. P. D. R. (2022). Terapia cognitivo-comportamental em grupos on-line. In C. B. Neufeld

- & K. P. D. R. Szupszynski (Orgs.) *Intervenções on-line e terapias cognitivo-comportamentais* (pp.185-207). Artmed
- Neufeld, C. B., Silveira, M., Rebessi, I. P., Pinheiro, M. I. S., & Haase, V. G. (2022). Intervenções online com pais. In C. B. Neufeld & K. P. D. R. Szupszynski (Orgs.) *Intervenções on-line e terapias cognitivo-comportamentais* (pp.118-139). Artmed
- Panter-Brick, C., Burgess, A., Eggerman, M., McAllister, F., Pruett, K., & Leckman, J. F. (2014). Practitioner Review: Engaging fathers - recommendations for a game change in parenting interventions based on a systematic review of the global evidence. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 55(11), 1187–1212. <https://doi.org/10.1111/jcpp.12280>
- Pedersen, G. A., Smallegange, E., Coetzee, A., Hartog, K., Turner, J., Jordans, M. J. D., & Brown, F. L. (2019). A Systematic Review of the Evidence for Family and Parenting Interventions in Low and Middle Income Countries: Child and Youth Mental Health Outcomes. *Journal of Child and Family Studies*, 28, 2036–2055. <https://doi.org/10.1007/s10826-019-01399-4>
- Pinquart M. (2017) Associations of Parenting Dimensions and Styles with Internalizing Symptoms in Children and Adolescents: A Meta-Analysis. *Marriage & Family Review*, 53(7), 613-640. <http://doi.org/10.1080/01494929.2016.1247761>
- Smith, T. K., Duggan, A., Bair-Merritt, M. H., & Cox, G. (2012). Systematic Review of Fathers' Involvement in Programmes for the Primary Prevention of Child Maltreatment. *Child Abuse Review*, 21, 237-254. <https://doi.org/10.1002/car.2195>
- Weisenmuller, C., & Hilton, D. (2021) Barriers to Access, Implementation, and Utilization of Parenting Interventions: Considerations for Research and Clinical Applications. *American Psychologist*, 76(1), 104–115. <https://doi.org/10.1037/amp0000613>
- Whitcombe-Dobbs, S., & Tarren-Sweeney, M. (2019). What evidence is there that parenting interventions reduce child abuse and neglect among maltreating families? A systematic review. *Developmental Child Welfare*, 1(4), 374–393. <https://doi.org/10.1177/2516103219893383>
- Yalom, I. D., & Leszcz, M. (2008). *The theory and practice of group psychotherapy* (5. ed.). Basic Books.